

VOZES DISTANTES

organização e sociabilidade em comunidades informatizadas¹

Marcelo Tramontano

“Tres datas fundadoras caracterizam a Renascença européia: 1454, 1492, 1517.

Tres nomes a pontuam: Gutemberg, Colombo, Lutero.

Tres invenções a resumem: a imprensa, a América, a Reforma.

Não é uma nova Renascença que se prepara, um renascimento mundial?

Como há mais de cinco séculos, assistimos à invenção quase simultânea de uma nova imprensa, uma nova América e uma nova Reforma.

A nova imprensa é o digital e o virtual.

A nova América é o ciberespaço e o novo mundo da abstração financeira e tecnológica.

A nova Reforma emerge. É a do bem comum mundial.”

Philippe Quéau

A história sobre a maneira como as tecnologias da informação e comunicação têm mudado radicalmente a vida quotidiana de boa parte da população do mundo já foi contada inúmeras vezes, com inúmeras versões. Os efeitos dessa informatização estender-se-iam a instituições, processos sociais, relações interpessoais, estruturas de poder, trabalho, lazer, educação, e ainda além. No entanto, se, para muitos, parece estar suficientemente claro que participamos, hoje, de uma nova sociedade, construída sobre a inter-relação entre mudanças tão profundas quanto recentes, de cunho social e tecnológico, há também os que parecem indiferentes a essas mudanças, quando não hostís ao que entendem ser apenas uma moda passageira, ou, no máximo, uma nova postura ideológica. No grande vazio existente entre essas duas leituras possíveis, multiplicam-se avaliações ufanistas e predições infundadas sobre a introdução das chamadas novas mídias na vida quotidiana, exponenciadas, por exemplo, pela banalização dos sistemas televisivos a cabo e via satélite, e da internet, além da ampliação e modernização dos sistemas de telefonia fixa e móvel. Os escassos estudos sobre as supostas influências no espaço doméstico dessas tremendas mudanças costumam mesclar, indistintamente, situação atual e tendências futuras, superestimando com frequência suas implicações, visando, em geral, beneficiar interesses comerciais de diversos setores do mercado, ou simplesmente alimentar pautas da imprensa diária.

¹ Nossos agradecimentos e nossa profunda admiração a Antônio Edneudo de Oliveira, responsável técnico pelo sistema de Solonópole, professor Keith Hampton, coordenador da pesquisa em Netville, e Claire Petetin, co-autora da intervenção em Pantin.

Independentemente dos argumentos usados nessa polêmica, é fato que a dimensão social da internet, enquanto meio de comunicação fundamental da nossa era, enquanto nova forma de interação humana, tem sido visivelmente mal entendida, mal interpretada e – o que é pior – mal explorada. Até porque é fato também que a própria noção de sociabilidade está em transformação. Desde os anos 1970, estudiosos de diferentes horizontes têm-se levantado para argumentar que a noção de comunidade não precisa referir-se a um local físico, que sua definição não deve pressupor, necessariamente, limites geográficos. Em vez disso, afirmam, são as interações sociais, as relações de ajuda mútua, e aquelas que conferem identidade que definem uma comunidade, e não o espaço concreto no qual elas se desenvolvem. Keith Hampton e Barry Wellman, do Centro de Estudos Urbanos e de Comunidades, da Universidade de Toronto, sublinham que nossas relações em sociedade não se dão como em pequenos compartimentos estanques – em casa, na vizinhança, no trabalho ou no ciberespaço –, abrangendo, em cada um deles, apenas uns poucos membros. “Os laços sociais”, afirmam Hampton e Wellman, “variam em intensidade, são multifacetados, se interseccionam, caracterizando-se pela diversidade (...) e são mantidos através de uma multiplicidade de meios que incluem contato físico direto, por telefone, correios, e, mais recentemente, fax, e-mail e ambientes virtuais.”² Referenciados nesse universo conceitual, e frente às atuais possibilidades técnicas desenvolvidas no campo das Ciências da Computação, temos a convicção de que novas formas de sociabilidade e de participação cívica estão emergindo, em um novo ambiente tecnológico, em oposição à queixa infelizmente recorrente segundo a qual os laços sociais estariam se desintegrando a partir da vulgarização do uso das chamadas novas mídias. Tal tem sido a postura de pensadores da estatura de Manuel Castells, Eric Hobsbawm, Philippe Quéau, Pierre Lévy e Jean Baudrillard, originando estratégias de ação social, incluídas nas agendas de políticos de diferentes colorações, em diferentes medidas e com abordagens variadas, em vários países do mundo.

Desde já há alguns anos, aspectos dessa inquietação têm permeado as reflexões do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, sob nossa coordenação na Universidade de São Paulo, em sua linha de pesquisa Habitação e Virtualidade. Em seu esforço de entender a evolução atual da vida quotidiana da população urbanizada, buscando embasar o projeto de

² Hampton, K., Wellman, B. **Examining community in the digital neighborhood: early results from Canada's wired suburb.** In: Ishida, T., Isbiter, K. (eds.) *Digital cities: technologies, experiences and future perspectives.* Heidelberg: Springer-Verlag, 2000. p. 195.

espaços domésticos mais em fase com o tempo presente, o Núcleo parte da constatação de que tanto a comunicação interpessoal como o acesso a fontes de informação vêm-se cada vez mais mediados por dispositivos eletro-eletrônicos de transmissão à distância, e que a relação entre esses dispositivos e seus usuários tem se apoiado em graus crescentes de interatividade. A essa tendência vem somar-se uma outra: a de que o custo final de muitos desses dispositivos tem diminuído, a ponto de permitir sua disseminação entre grupos domésticos de menor renda, como ocorreu com os televisores, já há algumas décadas, e, bem mais recentemente, com os aparelhos telefônicos móveis – os celulares.

No que concerne as transformações comportamentais ligadas ao uso das tecnologias de informação e comunicação, mencionaremos apenas duas, ambas emblemáticas de nossa época. A primeira diz respeito ao transbordamento da esfera privada da habitação, transferindo a realização de atividades de caráter privado para espaços públicos. É o caso, por exemplo, de conversações estabelecidas por usuários de telefones celulares em pleno espaço público, durante as quais são abordados, com frequência, assuntos dificilmente tratados publicamente há apenas alguns anos. A noção de privacidade parece revestir-se de uma proteção virtual supostamente conferida pela mídia, ao prescindir, paradoxalmente, das vedações concretas do espaço arquitetônico. A segunda consideração refere-se à crescente dificuldade em estabelecerem-se fronteiras ou, ao menos, definições claras para, justamente, as esferas privada e pública da vida urbana. Excelentes exemplos podem ser lembrados ao se analisar o dia-a-dia dos tele-trabalhadores, essa nova força de trabalho que tem trocado o escritório da empresa pela própria casa para desenvolver atividades profissionais remuneradas através de dispositivos de comunicação à distância – telefone, fax, microcomputador, etc. A inclusão, no interior doméstico, de atividades ligadas ao mundo profissional tem provocado justaposições muitas vezes indesejáveis e de difícil solução, significando, por exemplo, desgaste nas relações familiares, desorganização do processo de trabalho, aumento do número de horas trabalhadas e não remuneradas, associadas a alterações nem sempre bem sucedidas nas relações entre empregado e patrão, e entre empregado e seus colegas que permaneceram trabalhando no escritório central. Quando pertencentes aos estratos de renda médios da população, os tele-trabalhadores domésticos das grandes cidades parecem preferir cada vez mais almoçar fora de casa, numa curiosa e pouco estudada inversão de cenários das atividades relacionadas à tradicional oposição entre casa e trabalho. Essa condição certamente contribui para

embaralhar os limites e a própria compreensão dos elementos constituintes das esferas pública e privada, e, por consequência, das faces pública e privada de seus usuários.

Cinco níveis principais de alterações podem ser identificados no espaço doméstico equipado com dispositivos de comunicação informatizados, como propõem Tramontano, Pratschke e Marchetti³, do Nomads.usp:

1 Sobre a relação entre membros do grupo e as novas mídias. O grau de interatividade que muitas dessas mídias oferecem, ao permitirem a comunicação interpessoal, deixa supor que toda experiência mediatizada pertence ao mundo concreto. Na verdade, muitas delas – em especial aquelas que se utilizam da internet – constituem apenas uma representação da realidade concreta, ou, no máximo, uma simulação, ilustrando o conceito de Telepresença, como formulado pelos historiadores Oliver Grau e Ingeborg Reichle, da Humboldt-Berlin Universität.⁴ Segundo eles, o desejo de estar virtualmente em outros lugares remonta a tempos imemoriais, o que se verifica, por exemplo, em obras de arte de diversas culturas ao longo dos séculos, a começar por certas pinturas rupestres. O atual estágio de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação faz, pela primeira vez na história humana, com que essa representação do “estar além” pareça crível, tremendamente potencializada pelas possibilidades interativas;

2 Sobre a relação entre os membros do grupo familiar. A escolha entre convívio ou isolamento passa a levar em conta a banalização da televisão na grande maioria dos domicílios, a posse de micro-computadores conectados à Internet, com preço e condições de pagamento cada vez mais acessíveis a parcelas mais amplas da população, e as maiores possibilidades de obtenção de uma linha telefônica, facilitada pelas recentes alterações de regras do setor. Nas classes médias, o telefone celular parece afirmar-se como instrumento de controle dos pais sobre os filhos, permitindo um monitoramento de suas atividades sem a ajuda de pessoal doméstico. Aliás, o próprio pessoal doméstico tem seu trabalho supervisionado à distância pelos patrões, *via* internet, através de sistemas de monitoramento com imagens geradas por micro-câmeras que permitem também

³ Tramontano, M., Pratschke, A., Marchetti, M., **Um toque de imaterialidade: o impacto das novas mídias no projeto do espaço doméstico.** In: Del Rio, V. Duarte, C., Rheingantz, P. (orgs.) Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: ProArq, 2002. p. 341-346.

⁴ Grau, O., Reichle, I. **Legend, myth and magic in the history of telepresence.** In: *Anais.* Simpósio Invenção – Thinking the next millenium. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, agosto 1999. p. 31.

fiscalizar atividades dos filhos na escola. Auxiliada pelas mídias e carente de maior reflexão, a encenação panóptica vai se tornando comum na vida das pessoas, de forma nunca antes vista;

3 Sobre a relação entre membros do grupo e pessoas extra-grupo. Na 'era dos elétrons', como propõe o urbanista e filósofo francês Paul Virilio, isolar-se pode significar, inversamente, conectar-se com o mundo. A reclusão em um quarto de dormir deixa de ser uma opção necessariamente solitária, já que, através do uso de mídias, pode-se, a partir do isolamento absoluto, comunicar-se com o mundo, eventualmente em caráter mais íntimo do que com membros do próprio grupo. Igualmente, as relações com a família ampliada são revistas, ao perderem o *status* de âmbito primeiro das relações extra-grupo. A inclusão, na lista de relacionamentos do indivíduo, de relações interpessoais que se nutrem exclusivamente de encontros no espaço virtual deixa de ser incomum para tornar-se socialmente aceita e, até certo ponto, desejada por integrantes de uma sociedade com uma porcentagem cada vez maior de pessoas vivendo sós;

4 Sobre a alteração da função dos cômodos. Definida pela introdução de equipamentos de telecomunicação, o uso efetivo dos cômodos da casa convencional permanece em constante alteração, mesmo que raramente o programa de necessidades reconheça esse fato e, mais raramente ainda, o projeto arquitetônico o legitime. Esse processo tende a tornar-se cada vez mais complexo, com o desenvolvimento, em curso, de novos equipamentos que concentrem, por exemplo, as funções de televisão, telefone e computador ligado à internet. A sobreposição de funções não está prevista no modelo convencional de habitação, que, por incrível que pareça, ainda guarda feições burguesas parisienses oitocentistas, mesmo quando abriga parcelas pobres da população. Por outro lado, diferentes atividades justapõem-se em um espaço doméstico sistematicamente reduzido por razões diversas, incluindo, eventualmente, atividades ligadas ao mundo do trabalho profissional, externo à dinâmica da vida privada. Tais inclusões vêm impor uma desierarquização não planejada da habitação, uma flexibilização forçada de usos que remete à noção de não-linearidade, ponto de partida e de chegada de grande parte das linguagens utilizadas na produção do espaço virtual e base da definição do conceito de Hipermídia;

5 Sobre a migração de funções entre diferentes esferas. A partir da apropriação de novas mídias, o habitante das grandes cidades do Brasil e do mundo ocidentalizado tende a transferir

atividades tradicionalmente realizadas na esfera privada do lar para as esferas coletiva – do edifício ou do conjunto – ou mesmo pública – da rua, da cidade. Essa tendência aponta para a dupla necessidade de se rever o desenho do espaço doméstico, e de se prever novos equipamentos coletivos ou públicos, incluindo serviços mediatizados. Ultrapassando os limites da moradia, o uso de equipamentos móveis, como *laptops* e telefones celulares, possibilita a realização – eventualmente, a transferência – de funções tradicionalmente ligadas aos interiores domésticos para todo o território urbano, recolocando a noção de *habitar a cidade*, como já preconizava o grupo inglês Archigram, nos anos 1960.

A relação entre moradia e cidade também tende a ser revista, se concordarmos que, à medida em que os meios de comunicação se potencializam, o tradicional papel de palco de eventos e de produtor de informações, desempenhado pelas aglomerações urbanas, vai, no mínimo, se requalificar. De fato, auxiliadas por sistemas de telecomunicação, as habitações – que, desde o advento da Revolução Industrial e do nascimento da metrópole moderna, têm precisado localizar-se dentro dos limites geográficos metropolitanos para estar próximas às fontes de informação – conquistam a liberdade teórica de funcionar à distância, relacionando-se entre si e com redes de serviços em uma instância virtual, e, sob muitos aspectos, independentemente do espaço concreto. Isso significa que uma crescente parcela de atividades quotidianas dos moradores urbanos, incluindo o uso de serviços públicos, e atividades profissionais e de lazer, parece tender a prescindir de espaços concretos. Diferentemente da sociedade industrial, na qual a população agrupa-se em polos urbanizados onde a informação se concentra, na emergente sociedade pós-industrial, como tem sido chamada, a informação é que seria levada aos indivíduos, e o lugar físico onde eles efetivamente se encontram importa pouco.

Entendendo que as dimensões desse espaço de habitar redefinido pelas mídias podem e devem ser recalculadas, muitas e louváveis realizações, com características diversas, têm sido levadas a cabo em várias partes do mundo, no sentido de equipar fragmentos urbanos com tecnologias de informação e comunicação, ampliando a participação de classes menos favorecidas no diálogo possibilitado pelas novas mídias. São, no entanto, ainda pouco numerosas as que privilegiam ações sobre o espaço doméstico, reconhecendo-o como palco privilegiado de observação e de construção das relações sociais, ponto de partida e de chegada de muitas das tensões da vida contemporânea. Tres realizações parecem-nos, no entanto, notáveis: Solonópole, no Brasil, Netville, no Canadá, e

Les Courtilières de Pantin, na França. Situados em tres continentes, imersos em situações sócio-culturais distintas, utilizando-se de soluções técnicas diferentes, esses tres exemplos podem ajudar-nos a melhor entender alguns desdobramentos possíveis a partir de implantações cuidadosas.

Solonópole, Ceará, Brasil

Em meio à paisagem árida do interior de um dos estados mais pobres do Brasil, a cidade de Solonópole abriga pouco mais de nove mil almas, dezessete mil se contada também a população rural do município. Os recursos são escassos, como em toda a chamada Zona da Seca, e a falta de água e de eletricidade são relativamente comuns. As limitadas oportunidades de inserção no mercado de trabalho local e regional, sem indústria alguma e com comércio reduzido a itens básicos, estimulam muitos a partir, esperando realizar, em cidades nordestinas maiores ou nas regiões do sul do país, seus planos de estudo e de trabalho.

A rede de comunicação de Solonópole começou a ser implantada em março de 2001, utilizando-se de um sistema de transmissão por ondas de rádio. São várias antenas parabólicas, instaladas em alguns dos lugares mais altos da cidade e dos distritos rurais, estabelecendo conexão, por um lado, com uma torre da operadora de telefonia e, por outro, com o provedor *wireless* da Prefeitura, ao qual, por sua vez, conectam-se as pequenas parabólicas dos usuários finais. Dessa maneira, toda a cidade está incluída no sistema: os serviços públicos, como hospital, centros de saúde e escolas, a administração pública em todas as suas instâncias, uma centena de estabelecimentos comerciais, e ainda uma porção crescente de domicílios particulares. Todas as conexões são gratuitas. Além disso, um primeiro telecentro foi instalado na praça principal – a Ilha Digital – com cinco computadores, onde um monitor de informática é responsável por auxiliar a navegação na internet e o uso de alguns programas básicos, como editor de texto, de planilhas e de imagens. O sistema é operado em plataforma Linux, atendendo uma lei municipal que obriga o poder público local a empregar exclusivamente *software* livre.

As transformações geradas pela introdução das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da população são várias. O comércio local tem conseguido melhorar seu leque de ofertas, graças ao contato com novos fornecedores, e a comunicações mais rápidas e confiáveis. A

administração pública tem sua prestação de contas *online*, atualizada diariamente, incluindo os registros do hospital, dos centros de saúde e das escolas. Também a obtenção de certidões e documentos públicos diversos pode agora ser feita através da rede. A quantidade e a qualidade das informações obtidas pelos estudantes em seus trabalhos escolares elevou-se bastante, ultrapassando em muito as insuficientes e desatualizadas fontes bibliográficas disponíveis na cidade até então. Aliás, não raros são os adultos que aprenderam a ler e a escrever estimulados pelo uso dos computadores e o acesso à internet, repetindo uma situação verificada em outros programas do gênero, mundo afora.

No que concerne as relações interpessoais, apesar da escassez de dados precisos, algumas tendências parecem delinear-se com clareza. Quando o acesso é feito a partir da Ilha Digital, a presença física dos usuários tem estimulado o estreitamento de laços entre aqueles que ali se encontram, gerando um hábito de escolha de horários coincidentes para uso das máquinas. Igualmente, ao redor da Ilha, encontros sociais acabam ocorrendo entre os que esperam sua vez, os que já terminaram de usar, ou os que simplesmente vêm conversar: a Ilha Digital se tornou um referencial no espaço concreto do centro da cidade. No caso do acesso à rede a partir de casa ou de estabelecimentos comerciais, uma curiosa e inovadora expressão de vida comunitária tem ganho espaço. É que, devido ao custo relativamente alto da antena parabólica domiciliar, muitos têm se unido, dividindo os gastos de implantação e o uso da conexão, construindo, às vezes, um pequeno cômodo onde computadores podem ser utilizados por seus quatro ou cinco proprietários: uma espécie de pequeno telecentro particular, custeado com aporte financeiro dos usuários. Esse sistema tem funcionado tanto para casas quanto para comércios.

Segundo informações de observadores locais, a inserção da mídia alterou a qualidade dos relacionamentos. Isso porque, apesar de se poder dizer que, dado o pequeno número de habitantes e os costumes locais, em geral todos se conhecem, em muitos casos, o laço social não ultrapassava o estágio do conhecimento distante. Com as novas possibilidades de contato, tanto via *web* quanto fisicamente – na Ilha e junto às antenas compartilhadas –, uma observação a olho nu faz crer que os laços têm se estreitado. O mesmo ocorre com aqueles que deixaram Solonópole para tentar a sorte em outro lugar. O *site* oficial da cidade tem uma seção chamada Filhos Ausentes, para onde se pode enviar um *e-mail* solicitando fotos de qualquer lugar ou pessoa da cidade. Pedidos chegam de

diversas partes do Brasil. As fotos são disponibilizadas, *online*, nessa seção do *site*, juntamente com a mensagem do solicitante. Na falta de uma interface colaborativa, ou mesmo de uma lista de discussões, por exemplo, a seção Filhos Ausentes cumpre um papel de espaço de diálogo, de comunicação entre as pessoas que, distantes de Solonópole, enviam alguma notícia pessoal, ou eventualmente a expressão de seus sentimentos com relação à cidade e seus habitantes.

Netville, Canada

Netville é o pseudônimo dado a um conjunto de casas construído na periferia de Toronto, em 1997, para abrigar, basicamente, famílias nucleares de renda média-baixa. A atribuição de um pseudônimo visou proteger a identidade e a privacidade de seus habitantes, que concordaram em protagonizar uma experiência-piloto inovadora em seu país: viver em um bairro cujas casas foram equipadas com conexão rápida à internet, integrando uma comunidade virtual através de uma intranet. Toda a experiência foi documentada e avaliada por pesquisadores da Universidade de Toronto, liderados pelos sociólogos Keith Hampton e Barry Wellman. Todas as casas do conjunto foram ocupadas ao mesmo tempo, por grupos domésticos compostos, em sua grande maioria, por anglófonos casados: brancos, em geral, mas também muitos pertencentes a minorias raciais. Sabe-se, no entanto, que, em se tratando de um bairro residencial típico das periferias norte-americanas, os fatores mais importantes para a aceitação social do grupo são seus hábitos, o estágio em que se encontram do ciclo de vida familiar e seu *status* sócio-econômico.

Durante dois anos, 65% das casas do conjunto foram conectadas à internet através de acesso gratuito de banda larga, e dispunham, além de correio eletrônico e navegação na rede, de videofone acoplado ao computador – funcionando apenas para Netville –, acesso a serviços de saúde *online* e fórum local de discussão. Em troca, os residentes aceitaram ser objeto de um estudo promovido pelo consórcio provedor do acesso, muitos deles sem nenhuma experiência com tecnologias informatizadas de comunicação, apesar de 78% dos grupos já possuírem um computador em casa antes de mudarem-se para o bairro. Das três realizações que escolhemos mencionar, apenas Netville obedeceu a um rigoroso planejamento metodológico, com diferentes avaliações antes e depois de sua implantação, seguidas de sistematização e análise dos resultados. Dados foram coletados através de entrevistas, questionários, *focus groups*, mas também monitorando a lista de

discussão via *e-mail* da comunidade, com inteiro consentimento dos participantes. Os objetivos declarados eram de duas ordens: uma, sociológica, que propunha, em suma, verificar se a participação em uma comunidade virtual, relacionada a uma comunidade concreta, é ou não capaz de estimular novas solidariedades, novas sociabilidades, atentando para a qualidade dos laços assim criados, e procurando perceber eventuais relações entre o que se vive nos mundos virtual e concreto. A outra, tecnológica, visava medir o grau de adaptabilidade e de usabilidade de usuários de um sistema de comunicação via cabos, com determinadas interfaces e equipamentos. Uma ruptura entre essas duas instâncias ocorreu quando, ao final de dois anos, a empresa de telecomunicações responsável por prover acesso à rede decidiu repentinamente encerrar a experiência por considerar suficientes os dados obtidos até então. Mesmo após essa atitude imprevista, a equipe universitária continuou seu estudo, acompanhando a reação dos habitantes ao interrompimento do serviço e seus esforços de se organizarem, através da rede, reivindicando, em vão, a manutenção do acesso gratuito à rede e dos equipamentos nas casas.

No projeto de Netville não estava incluído um local de uso coletivo ou público como um telecentro, o que limitou os contatos presenciais entre moradores. Os acessos à rede deveriam fazer-se exclusivamente a partir das casas, e cada uma delas estava equipada com um pequeno servidor capaz de prover conexão entre, no máximo, cinco máquinas domésticas e o provedor central. Tampouco construíram-se um *website* do empreendimento ou uma interface colaborativa através dos quais os residentes pudessem comunicar-se. O que se lhes ofereceu foi uma lista de discussões por *e-mail*, na qual todos os moradores participantes da experiência foram automaticamente cadastrados. A lista fornecia informações sobre atividades da comunidade, divulgava possibilidades de ajuda mútua entre seus membros, e acabou tornando-se o fórum privilegiado de discussões sobre os problemas do bairro. Essa lista continuou existindo até muito depois do final da experiência, e estimulou o aparecimento de listas menores, focalizando assuntos mais específicos, que engendraram pequenas comunidades dentro da comunidade maior. A análise de seus conteúdos parece indicar que as listas ampliaram a dimensão da comunicação entre os residentes, ajudaram a aprofundar o nível de conhecimento mútuo – abordando, por exemplo, *hobbies*, ocupações e outras referências individuais –, e auxiliou os residentes a organizar reações conjuntas a acontecimentos afetando toda a comunidade. O encontro presencial dos moradores, ou de pelo menos parte deles, pôde, contudo, fazer-se de forma organizada através da realização – a cada seis meses, a partir de

junho de 1997 – de *focus groups*. Neles, discutiam-se os desafios de se viver em um bairro equipado com infra-estrutura informatizada, as experiências de seus habitantes com as tecnologias e os serviços disponíveis, e suas expectativas em relação a futuros desenvolvimentos desses itens.

As análises preliminares de Hampton e Wells sugerem que a internet pode, sim, auxiliar a consolidação de uma variedade de laços sociais, mais ou menos estreitos, de caráter emocional, instrumental ou afiliativo. Em Netville, raramente os relacionamentos se mantiveram unicamente através da comunicação mediatizada. Mas a experiência parece deixar claro que uma combinação entre interações *online* e *offline* foi uma base segura para o fortalecimento da comunidade.

Les Courtilières de Pantin, França

Construído no entusiasmo das teorias urbanísticas que originaram os grandes conjuntos modernistas europeus dos anos 1960, em pleno reflorescimento pós-guerra da economia francesa, esse vasto aglomerado de prédios de apartamentos de interesse social, localizado em uma distante e cinzenta periferia da cidade de Paris, já foi referência nacional para operações habitacionais urbanas. Degradando-se aos poucos pela falta de atenção das sucessivas gestões municipais, o conjunto cumpriu um destino infelizmente muito comum entre realizações semelhantes, tornando-se o endereço constrangedor de uma população estrangeira e pobre, vinda, principalmente, de países africanos e asiáticos com sonhos confusos e inconclusos de uma vida melhor. No final da década de 1990, o complexo reunia uma tal quantidade de problemas sociais, urbanísticos e arquitetônicos, que cogitava-se sua destruição pura e simples e a realocação de sua população em outros conjuntos e centros de assistência social. Enquanto seus pequenos apartamentos, de filiação arquitetônica modernista, revelavam-se absolutamente inadequados para abrigar grupos domésticos de hábitos, culturas e formatos tão variados e em clara situação de penúria material, as áreas coletivas do conjunto, por sua vez, há muito haviam deixado de ser utilizadas pelos moradores, tornando-se um território vazio rapidamente ocupado por gangues de adolescentes ligadas ao tráfico de drogas. O perfil do bairro assemelhava-o a conjuntos similares em qualquer parte do mundo: elevados níveis de desemprego e de violência, baixa escolaridade, renda familiar insuficiente, grande porcentagem de analfabetismo aliada ao fato de muitos não saberem expressar-se corretamente em francês e, em certos casos, apenas em dialetos de seus países de origem. Longe

de constituir uma comunidade, a imensa maioria dos moradores não possuía laços sociais na Europa, e havia visto romperem-se as ligações com seus vilarejos de origem, por um emaranhado de razões.

Visando a integração social dessa população, os arquitetos Claire Petetin e Philippe Grégoire planejaram, em 1999, a realização de uma intervenção arquitetônica no bairro, apoiados financeiramente pelo Ministério da Cultura francês e pela Secretaria da Cultura da prefeitura de Pantin. No entanto, ao invés de uma reforma do espaço concreto, Petetin e Grégoire propuseram começar pela criação de uma interface colaborativa usuário-computador que estimulasse o surgimento de uma comunidade virtual formada pelos moradores. A etapa inicial consistiu na instalação de um telecentro na *Maison du Quartier*, uma sala projetada para abrigar atividades comunitárias mas que se encontrava abandonada havia anos, rebatizada de *InfoKiosk*. Ali foi instalada uma dezena de computadores em rede, com apoio técnico de pesquisadores da Universidade de Strasbourg, e a presença de um monitor para esclarecer dúvidas sobre o uso dos equipamentos e de programas.

A equipe reconstruiu Les Courtilières em um ambiente virtual 3D, utilizando a VRML, ou *virtual reality markup language*, servindo-se de uma ambiência de *video games* bastante familiar à maioria dos adolescentes. Todo usuário podia situar uma representação de seu espaço doméstico dentro do conjunto virtual, o que lhes permitia a imediata identificação pessoal e de seu grupo familiar com a interface oferecida. O objetivo era fazer do espaço na *web* um ponto de encontro e de identidade possível, já que no Les Courtilières virtual cada um tinha o direito e a possibilidade de se expressar através da inclusão de desenhos, textos, grafitis, fotos de classe, fotos de times de futebol, tornando-o, assim, um lugar de expressão de múltiplas faces e complexidades, escondidas quando buscadas no espaço concreto. A equipe organizou também encontros com avatares – clones numéricos dos usuários da interface – através dos quais estabeleceu-se um hábito de diálogo até então desconhecido no bairro. A maioria dos usuários nunca havia tido contato com um computador, nem mesmo com interfaces simples, como terminais bancários. Os primeiros a se envolver foram os adolescentes, que, atraídos pelas possibilidades de comunicação com pessoas de fora do bairro e pelo aspecto lúdico da interface criada, foram aos poucos deixando de lado o tráfego, preferindo passar mais horas diante dos microcomputadores. Um grande estímulo, foi, por exemplo, quando

encontraram, via *web*, um time de futebol de bairro, de uma cidade vizinha, que concordou em jogar com o time da casa, o qual nunca conseguia adversários dadas suas fraquezas técnicas, mas também por causa das notícias sobre a violência no bairro que circulavam na região. Ao perceberem essas alterações no comportamento dos jovens, foi a vez dos familiares mais velhos se interessarem. Também aqui, muitos aprenderam a ler e a escrever utilizando a nova mídia, vendo nela a possibilidade de tentar reatar laços com os amigos e familiares distantes, mas também de encontrar trabalho na região. Inicialmente circunscrito ao *InfoKiosk*, o uso de computadores disseminou-se também dentro dos apartamentos, onde equipamentos foram instalados por iniciativa própria de cada usuário⁵, utilizando o telecentro como provedor de acesso à rede e servidor para navegação no Les Coutillières virtual.

Principalmente, o que o projeto conseguiu foi dar voz a uma população emudecida, que passou a expressar-se, primeiro dentro da própria comunidade, percebendo consonâncias de opiniões com vizinhos que, de outra forma, eles dificilmente conheceriam. Em um segundo momento, os habitantes começaram, através desse diálogo, a tomar consciência de seu bairro, de seus problemas comuns – incluindo aqueles relativos ao uso das áreas coletivas –, discutindo possibilidades simples de intervenção, como a organização de uma pequena feira livre, o cultivo de um canteiro de flores, etc. Se a experiência tivesse tido continuidade, o passo seguinte teria sido o de permitir que os moradores ajudassem na elaboração de propostas concretas para reorganização do espaço físico do conjunto e das unidades, trabalhando em conjunto com os arquitetos e o poder público.⁶

Interfaces colaborativas de diálogo, como a criada em Pantin, podem tornar-se um meio privilegiado de comunicação e de abertura, sob a condição óbvia de que políticos e outras instâncias decisórias aceitem esta forma de expressão e de organização social sem impor-lhe nenhum tipo de filtro institucional. Realizada com custo muito baixo e com meios computacionais simples, totalmente inovadora na França e na Europa, a experiência pode ajudar os moradores a redescobrir o seu

⁵ Como a renda familiar dos grupos era muito baixa, a equipe técnica acredita que outros meios tenham sido usados para obtenção das máquinas a preço acessível, sem, contudo, saber exatamente quais foram.

⁶ Com a eleição de outro partido político para a gestão municipal, a experiência foi sumariamente cancelada, o telecentro foi desativado, ainda que muitos moradores tenham mantido o acesso à rede a partir de seu domicílio, através de provedores gratuitos.

espaço cotidiano, a reapropriar-se de seu espaço concreto sobre novas bases, e, certamente, a consolidar sua comunidade, assumindo seu papel dentro do conjunto dos cidadãos.

Considerações finais

Assiste-se, atualmente, a uma espécie de “aceleração do metabolismo social”, nos dizeres da professora Lúcia Loureiro da Silva, da Universidade de Coimbra. “Geram-se as chamadas comunidades virtuais”, escreve Silva, “que se sustentam na partilha intelectual e na convergência da pluralidade e riqueza dos conhecimentos que emanam dos sujeitos. Nestes novos espaços sociais, geram-se novas solidariedades, novos excluídos, novos mecanismos de participação, novas formas de democracia, de negociação, de decisão, de cooperação, de afetividade, de intimidade, de sociabilidade, que potencializam a emergência de sujeitos coletivos ou de inteligências coletivas conectivas”.⁷ A opinião de Silva é compartilhada por outros estudiosos, que alertam, no entanto, para o fato de que cada indivíduo costuma fazer parte de diversas redes de sociabilidade, na escola, no trabalho, na família, e na vizinhança, por exemplo. Uma vez que as pessoas têm, por dia, uma quantidade de tempo limitada para destinar ao contato social, o esforço de iniciar um novo contato, através da participação em uma nova comunidade – seja ela concreta ou virtual – parece ser medido em termos de relação custo/benefício, segundo constata Hampton e Wells: “Se redes de sociabilidade já estabelecidas e meios de comunicação existentes provêm muito da companhia, ajuda e apoio de que um indivíduo precisa, é muito pequeno o incentivo para que ele direcione tempo e energia a novos e menos seguros meios de formação e manutenção desses laços. O mesmo pode ser dito sobre qualquer ‘comunidade virtual’: a menos que ela preencha alguma necessidade não atendida na vida dos usuários visados, é pouco provável que ela atenda as expectativas de altos níveis de interação social.”⁸

Dos três exemplos descritos, dois previram mecanismos específicos de comunicação para os usuários do sistema – Netville e sua lista de *e-mail*, e Pantin e sua interface colaborativa. Seus usuários defrontaram-se com problemas em comum, e utilizaram a rede na tentativa de construir

⁷ A Internet: a geração de um novo espaço antropológico. Internet: www.exclusao.hpg.ig.com.br-texto/20-20lidia/20silva/2001.htm

⁸ Hampton, K., Wellman, B., *op. cit.*, p. 206.

uma atitude organizada para resolvê-los. No entanto, mesmo em Solonópole, a comunicação em rede parece responder a “necessidades não atendidas” na vida dos moradores, seja em relação à obtenção notícias de parentes distantes, seja para ajuda mútua, seja para enfrentamento de problemas que afetam a comunidade, seja, ainda, para refletir sobre possíveis alterações do espaço arquitetônico e urbano.

Percebe-se, também, que o telecentro e seus equivalentes cumprem um papel importante de catalizador e estimulador de certos níveis de relações interpessoais, de uma nova sociabilidade proporcionada pela presença física, entre os usuários da Ilha Digital de Solonópole e do *InfoKiosk* de Pantin. Isso nos leva a crer que, em comunidades com acesso à rede a partir dos domicílios, o uso e o formato de telecentros deveria ser mantido mas revisto, provavelmente privilegiando atividades coletivas auxiliadas por computador. No entanto, tanto em Pantin quanto em Netville, onde foram oferecidas estruturas para consolidação da comunidade no ambiente virtual, há relatos sobre a criação de laços sociais, às vezes estreitos, entre usuários e grupos domésticos que só puderam conhecer opiniões e posturas de outros habitantes do bairro graças à comunicação em rede.

Ainda estamos muito longe de dominar as vantagens e desvantagens de implantações como essas. Além de pouco numerosas, suas freqüentes e compreensíveis diferenças de estruturação, métodos, objetivos, contextos sócio-econômico-culturais dificultam comparações que, de outra forma, poderiam ajudar a balizar futuras operações similares. Entendemos que a decisão para a implantação desses sistemas é, em geral, política, mas também percebemos que ela tem se viabilizado através de apoios derivados de interesses econômicos. Ao que tudo indica, as parcerias são inevitáveis entre comunidade, poder público e iniciativa privada, e suas equipes técnicas precisam ser capazes de um entendimento e de uma ação baseados na transdisciplinaridade, incluindo as Ciências da Computação, a Sociologia, a Arquitetura, o Urbanismo, e a Psicologia, pelo menos.

O que se tem como certeza, no entanto, é que, embutida no esforço maior de inclusão de parcelas cada vez mais extensas da população no que se costuma chamar de sociedade da informação, está a possibilidade de amplificar o volume de suas vozes distantes, isoladas por distâncias sociais às vezes imensas, trazendo-as para a cena principal da ação cidadã. Dessa forma, torna-se possível

auxiliar comunidades a se organizarem para o enfrentamento de problemas em comum, e também para descobrir novos níveis de sociabilidade, encobertos, talvez, no dia-a-dia do mundo concreto. Para isso trabalhamos.

Nomads.usp, primavera de 2002

Grau, O., Reichle, I. **Legend, myth and magic in the history of telepresence.** In: Anais. Simpósio Invenção: Thinking the next millenium. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, agosto 1999.

Hampton, K., Wellman, B. **Examining community in the digital neighborhood: early results from Canada's wired suburb.** In: Ishida, T., Isbiter, K. (eds.) Digital cities: technologies, experiences and future perspectives. Heidelberg: Springer-Verlag, 2000.

Silva, L. L. A **Internet: a geração de um novo espaço antropológico.** Internet: www.exclusao.hpg.ig.com.br-texto/20-/20lidia/20silva/2001.htm

Tramontano, M., Pratschke, A., Marchetti, M., **Um toque de imaterialidade: o impacto das novas mídias no projeto do espaço doméstico.** In: Del Rio, V. Duarte, C., Rheingantz, P. (orgs.) Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: ProArq, 2002.